

Diversão & Arte

UM CORAÇÃO



Jude Law comanda o elenco de *Animais fantásticos: os segredos de Dumbledore*

Warner Bros. Pictures/Divulgação

» RICARDO DAEHN

Entre personagens obrigados a provar lealdade, a multiplicação e a perda de maletas que contêm elementos definitivos para o universo e ainda a proximidade entre duas poderosas forças antagônicas, o terceiro filme da saga, *Animais fantásticos: os segredos de Dumbledore*, transcorre, na suave pista de limpar os estragos causados pelos longas anteriores, exibidos em 2016 e 2018. Revirando um universo anterior a era da suprema magia de Dumbledore, na famosa escola de Hogwarts (o berço de formação para *Harry Potter*), o roteiro do novo filme é da autora J.K. Rowling e de Steve Kloves.

Animais fantásticos: os segredos de Dumbledore traz o talentoso Mads Mikkelsen (de *Druk*), no antigo papel de Depp: o do mago Grindelwald. Na trama, ele se coloca como uma espécie

de guia, num processo de liderança de magos e daqueles chamados trouxas (os cidadãos comuns). É neste processo, com uma postura austera (mas sem quase falar) que desponta a figura de Vicência Santos, papel da brasileira Maria Fernanda Cândido. Numa realidade assemelhada à do Terceiro Reich alemão, o emprego da magia, em dimensão política, estabelece a dinâmica da Confederação Internacional dos Bruxos.

No enredo, há uma eleição (de bruxo) que tem a cara deslavada de jogo com carta marcada —, tudo, aliás, aponta para a adoção de um modelo nazista. Um personagem soturno, Vogel (Oliver Masucci) definitivamente incrementa os comparativos com a tirania. Como no filme anterior, arestas e parentescos entre muitos dos personagens serão claramente expostos. Os feitiços seguem correndo soltos no filme que

traz personagens criadas por computação gráfica. Numa cena fundamental ao filme, é justo a caminhada de um dos animais — o dócil quilin, assemelhado à mascote — que determinará o futuro de todos habitantes do mundo.

Sem contar toda a sorte de acontecimentos determinados numa região tida como originária da magia (o Butão), o novo exemplar de *Animais fantásticos* investe em “consertar as coisas”, segundo aponta um dos personagens. Nessa perspectiva, o tipo interpretado por Eddie Redmayne, o magizoologista Newt Scamander, fica bem reduzido em relação aos outros longas. Com um crescimento sorrateiro, o vilão Grindelwald se destaca em muitas cenas. Outro personagem que cresce exponencialmente é o padeiro Jacob Kowalski (papel de Dan Fogler).

Na base da sofrência, dado o amor que sente por

Queenie (Alison Sudol), a moça capaz de passar para a facção negativa da trama. Junto com Bunty (Victoria Yeates) e Eulalie (Jessica Williams), Jacob responderá por momentos muito impactantes do filme, que advém da interação entre os bruxos.

Apesar dos feitiços tenderem ao desbotado, *Os segredos de Dumbledore* carrega as tintas no famoso personagem interpretado por Jude Law. O enfrentamento entre ele e o antigo amado (Grindelwald) tem tudo para vencer um periclitante pacto de sangue endossado entre ambos. Com uma presença de Credence (Ezra Miller) bastante decepcionante, ainda que protagonize uma cena de ação eletrizante, o filme acerta ao concentrar, na graça, coreografado teor cômico. Antes das circunspectas cenas nas escadarias, que demarcam o desfecho, é possível rir bastante com a adoção do jogo de cintura de Newt, no que ele chama de “mímica límbica”, ao engambelar

um bando de lagostas que infestam a sequência da libertação do personagem de Calum Turner, Teseus Scamander. Grosso modo, faz até lembrar o frio na barriga que acompanhou o enfrentamento do dragão Smaug (de *O Hobbit*).

Também estreia *O traidor*

Com estreia em 12 cidades do país, o mais recente longa-metragem do diretor Marco Bellocchio, estrelado por Pierfrancesco Favino e Maria Fernanda Cândido, conta com cenários nacionais. Por um bom período da vida, o contraventor Tommaso Buscetta, peça vital para o tráfico de drogas coordenado pela máfia italiana. Às vias de um encontro com o juiz Giovanni Falcone, Buscetta reflete sobre a possibilidade de trair juramentos atrelados à Cosa Nostra. No elenco do dramático filme estão Jonas Bloch e Nicola Siri.

Reserva acionado: Mads Mikkelsen substitui Johnny Depp na trama

Warner Bros. Pictures/Divulgação



Rai Cinema/Divulgação



O astro de *O traidor*, Pierfrancesco Favino

NO RETORNO AOS CINEMAS, SAGA DE ANIMAIS FANTÁSTICOS CHEGA AO TERCEIRO CAPÍTULO, COM MAIOR COERÊNCIA E BRILHO

RETUMBANTE REFLEXÃO

O que se cala, libelo defendido na voz de Elza Soares, dá um colorido todo especial para o longa de estreia do diretor Lázaro Ramos, *Medida provisória*. Há, na precisão da cena que usa a música ecos de uma denúncia arrebatadora de *Amarelo manga*, em que rostos estampam e referendam uma situação extrema encenada num drama. Ao som de *O meu país é meu lugar de fala*, o diretor baiano expõe as vozes de coletividade reprimida, e indisposta a engolir qualquer resquício racista. Impressiona como o novo filme redimensiona o teor de *Nmibia, não!* (peça de Aldri Anunciação), que encantou Lázaro Ramos, há 12 anos. Vertido em cinema, o material apresenta um marco para as telas, como foi *Filhas do vento*, há 17 anos.

Medida provisória, longe de ser perfeito, traz senso de oportunidade: impinge arte, justo quando uma onda persecutória assombra artistas e pensadores. No roteiro, sintomáticas expressões como “cidadãos” (de bem) e “essa gente” saltam aos ouvidos. Bizarro é se dar conta de que *Medida provisória* se ajusta ao modelo de cinema

cerceador e futurista à la Neill Blomkamp (diretor de filmes como *Distrito 9* e *Elysium*). Colaborador dos filmes *Um namorado para a minha mulher* e *Estômago*, Lusa Silvestre afina o roteiro, com Lázaro. Quem assiste ao filme, nunca esquecerá de elementos incisivos no dia a dia do advogado Antônio (Alfred Enoch), como a fundação da expressão Resgate-se já (um movimento de busca, forçada, de raízes africanas) e afrobunker (nomenclatura para um reduto dos personagens negros rebeldes).

Por meio de “identificação visual”, o governo fictício parte de um torto ideal de reparação social. Na verdade, há pontuação é de ironia revestida por camadas de cinismo (em que reverberam as interpretações de Renata Sorrah e Adriana Esteves). Dona Izildinha (Sorrah) aponta que sofreu racismo, enquanto toscos desdobramentos da lei Áurea ganham a supervisão justo de Isabel (personagem de Esteves, que, vale a lembrança combateu o racismo, com uma personagem em *Real beleza*).

No recém-criado Ministério da

Devolução, um governo fascista introjeta uma política de gueto: voluntários, os negros (que, num politiquês de incorreção, passam a ser chamados de melaninas acentuadas) são incitados a “voltar para a África”. “Pisar no chão de Xangô”, até faz a cabeça do blogueiro André (Seu Jorge, em nova afirmação no cinema, depois de Marighella). O pacote de restrições presentes no filme, por sinal, tem um quê da surreal atualidade.

Com a liberdade e o conforto no ato de denunciar e dono de um discurso equilibrado, Lázaro traz uma incômoda peça para o alargamento de debates. De certa forma, há o escancarado retorno para o cinema nacional de pesada massa crítica. Depois de *Doutor Gama, M8* — *Quando a morte socorre a vida* e *Cabeça de nêgo*, *Medida provisória* dá mais corpo a um dream team no imaginário nacional. Colaboram para a qualidade do filme a boa direção de arte, a força cênica de Taís Araújo (no papel da médica Capitu) e algumas gags que alargam a interpretação do filme. (RD)

Mariana Vianna/Divulgação



Taís Araújo (ao lado de Alfred Enoch) rouba a cena, no filme de Lázaro Ramos